

humanitas

Vol. I - Vol. II


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



A “PAMPAEDIA” NO CONTEXTO DA “DE RERUM
HUMANARUM EMENDATIONE CONSULTATIO
CATHOLICA” DE COMÊNIO

JOAQUIM FERREIRA GOMES
Universidade de Coimbra

Nascido na Boémia (actual República Checa), em 28 de Março de 1592, chamava-se Komensky (habitante de Komna), nome que foi alatinado para Comenius e aportuguesado para Coménio.

João Amós Coménio descendia de uma piedosa família pertencente à *Unitas Fratrum Bohemorum*, conhecida também por *Irmãos Morávios*, grupo religioso que seguia as ideias de fidelidade ao Evangelho e de austeridade moral pregadas por João Huss, antigo Reitor da Universidade de Praga, que o Concílio de Constança condenou e queimou vivo em 6 de Julho de 1415.

Frequentou a escola dos Irmãos, a escola latina de Prerov e as Universidades de Herborn e de Heidelberg.

Foi director da escola de Prerov, onde começou a esboçar os seus primeiros livros. Ordenado sacerdote aos 24 anos, viria a ser, mais tarde, Bispo e Arcebispo.

A sua vida (como a da Boémia) está intimamente ligada à Guerra dos Trinta Anos.

As suas funções eclesiásticas e o seu arreigado nacionalismo, que sonhava com a independência da Boémia, levam-no a escrever, ao longo da vida, uma obra verdadeiramente gigantesca, onde predominam escritos de edificação espiritual e obras de natureza pedagógica, destinadas estas últimas à educação do povo no momento em que chegasse a independência por que lutava e em que acreditava.

De entre as suas inúmeras obras de natureza pedagógica, destacam-se duas grandes Colectâneas: as *Opera Didactica Omnia*, cuja primeira parte abre

com a *Didactica Magna*¹ e a *De Rerum Humanarum Emendatione Consultatio Catholica*, uma notável Enciclopédia do saber da época, escrita com intenções reformadoras, constituída por sete partes, a quarta das quais tem o nome de *Pampaedia*².

As sete partes da *Consultatio Catholica* constituem um todo, pelo que cada uma delas só se entende na medida em que está inserida no conjunto. Por isso, para se entender o significado da *Pampaedia*, é imprescindível ter uma ideia, ainda que sumária, do conteúdo e dos objectivos de cada uma das outras partes.

1. A *Panegersia* ou *Excitatorium Universale* consta de doze capítulos. Começa por dizer, no cap. I, o que se entende por *excitatio* (despertar, estimular) *ad consultandum* (para deliberar) acerca da salvação humana, para logo afirmar que esta estimulação é tríplice: de nós mesmos, dos outros homens e de Deus (para que nos dê a sua misericórdia e o seu auxílio). O cap. II (*Excitatio prima, Sui ipsius*) é uma veemente imprecação a Deus para que nos estimule no desejo de reforma.

Os nove capítulos seguintes tratam da estimulação dos outros, explicando o cap. III porque é que devem ser todos convidados para a reforma das coisas humanas e mostrando como é possível e fácil fazê-lo, concretizando o cap. IV o que se entende por coisas humanas - "*eruditio, religio et politia*" - as quais estão corrompidas (cap. V), corrupção que é torpe e culposa (cap. VI) e, embora, desde o início da corrupção até hoje, se tenha deliberado acerca da reforma das coisas humanas (cap. VII), deve continuar-se a deliberar e é urgente que isso se faça (cap. VIII) e por caminhos ainda não tentados, ou seja, por caminhos universais: o caminho da unidade, da simplicidade e da espontaneidade (cap. IX). No cap. X, mostram-se a forma e as Leis de uma deliberação legítima e, no Cap. XI - sem dúvida, o mais actual de todos, nesta nossa época de abertura, de diálogo e de ecumenismo -, convidam-se todos os homens para uma pacífica

¹ Presumo que, em Portugal, apenas existe um exemplar das *Opera Didactica Omnia*, que se encontra na Fundação Calouste Gulbenkian e foi adquirido, nos anos 60, com o objectivo de se fazer a tradução da *Didactica Magna*, tarefa de que me encarreguei.

² Presumo que, em Portugal, apenas existe um exemplar da *De Rerum Humanarum Emendatione Consultatio Catholica* que se encontra na minha biblioteca particular e foi adquirido em Praga, em 1970, data em que participei num Congresso Internacional sobre Coménio. Foi a partir dela que traduzi a *Pampaedia*.

consultatio. O último é uma invocação de todo o género humano a Deus, para que nos não falte com a sua misericórdia.

2. A *Panaugia* ou *Lucis Universalis Via* tem por objecto acender nas mentes uma luz universal (participação da Luz Divina), na qual e através da qual todos possam ver todas as coisas sob todos os aspectos (*omnes, omnia, omnino videre possint*). Consta de dezasseis capítulos. Os três primeiros tratam da natureza e da necessidade dessa luz universal. Os seis seguintes mostram a sua possibilidade, mediante as “três lâmpadas de Deus ou três fontes da Luz” (cap. IV): a natureza - “as obras de Deus espalhadas pelo mundo” (cap. V), a mente humana - “que faz brilhar em nós a imagem de Deus” (cap. VI) e a Palavra de Deus - “que falou aos homens para os informar das coisas mais necessárias” (cap. VII), para apreender as quais o homem é dotado de um tríplice instrumento: os sentidos, a razão e a fé (cap. VIII), que utilizará servindo-se de três métodos: analítico, sintético e sincrítico (cap. IX).

Os restantes sete capítulos tratam da facilidade de adquirir essa luz universal, o que é demonstrado recorrendo ao princípio da panarmonia ou harmonia universal (cap. X), à analogia com a luz natural (cap. XI e XII), à consideração dos obstáculos que impediram os antigos (cap. XIII) e procuram impedir ainda os homens de hoje de atingir essa tão plena luz intelectual, mas que serão superados pela *Pansophia*, pela *Pampaedia*, pela *Panglottia* e pela *Panorthosia* (cap. XIV). O penúltimo capítulo demonstra que a luz universal dos espíritos requer espíritos universais, isentos de preconceitos, sendo o último uma invocação “*ad Patrem Luminum*”.

3. A *Pansophia* (a que, uma vez apenas, chama também *Pantaxia*) ou *Universalis Sapientia* pretende ser uma “*Rerum Universalis Coordinatio*” que investigue a maneira de reduzir todas as coisas a uma ordem una, perpétua, lúcida, imóvel, sob as Leis eternas da verdade. É a parte mais longa, mas também a mais incompleta, da *Consultatio*. Estuda oito mundos ou graus: o mundo possível, o mundo ideal ou arquétipo, o mundo inteligível ou angélico, o mundo material ou natural, o mundo artificial, o mundo moral, o mundo espiritual e o mundo eterno. Segue-se uma espécie de Conclusão: *Pars Ultima, de ejusdem vario ad varia usu, in genere et in specie*.

Cada um destes oito mundos, assim como a *Pars Ultima*, são estudados em dez capítulos, o que perfaz a bonita soma de noventa capítulos.

Como não é possível meter o mar numa concha, diremos apenas algumas palavras sobre os dois “mundos” onde são mais directamente abordados problemas pedagógicos: o mundo *artificial* e o mundo *moral*.

Do mundo *artificial*, que trata daquelas coisas que resultam do trabalho e da habilidade do homem e que pode ser considerado um ensaio de filosofia da técnica, o capítulo com mais interesse pedagógico é o VII: *Artes arte tractandi humanum naturam, quantum ad corpus et animum*. É o capítulo mais extenso deste “mundo” ou grau, sendo mesmo mais extenso que os outros nove todos juntos. Depois de uma primeira parte que diz respeito ao tratamento do corpo e após uma lacuna, em que, sob a rubrica “*Ars commode habendi*”, nada escreve, fala das *Artes Mentis*, onde aborda temas como: *Mathetica, hoc est ars discendi*”, “*Gnostica*” (“*ars sciendi*”), “*Didactia, hoc est ars docendi*”, “*Dialectica*” (“*ars disputandi*”), “*Diacritica*” (“*ars opiniones a veritate discernendi*”), “*Diallaetica, ad opinionum reconciliationem pasciscendam*”, “*Ars convincendi*”, “*Artes ingenii*”, “*Ars meditativa*”; “*Ars consulendi*”; “*Ars iudicii*”; “*Ars memoriae*”; “*Artes linguae*”; “*Ars rationabilis alloqui et colloqui*”, “*Libros scribendi ars*” e “*De conservatione eruditionis per Bibliothecarum instructionem*”. O capítulo prossegue e, depois de falar da maneira de se defender do frio e do calor, trata da óptica, da acústica, das artes mecânicas, etc.

Todo o mundo *moral* ou da *prudência* tem interesse pedagógico. Para nos apercebermos disso, basta ler o título de alguns dos seus capítulos: “*Prudentia moderandi seipsum: Ethica*” (cap. III); “*Prudenti regendi seipsum cum alio, sive conservandi ars: Symbiotica. Ubi de amicitia*” (cap. IV); “*Prudentiam regendi alios in societatem aliquam conglobatos et primo quidem in domo seu familia Oeconomicam vocant*” (cap. V); “*Prudentia regendi juventutem gregatim: Scholastica*” (cap. VI); “*Prudentia regendi rempublicam: Politica*” (cap. VII).

4. A *Pampaedia* ou *Cultura Universalis Mentium* consta, além de um breve *Intróito*, de dezasseis capítulos. Começa por mostrar a necessidade, a possibilidade e a facilidade de todos os homens serem educados em todas as coisas e totalmente: “*omnes, omnia, omnino*” (cap. I). Explica depois o que deve entender-se por todos (cap. II), por todas as coisas (cap. III) e por totalmente (cap. IV). A seguir, diz quais os requisitos das escolas universais (cap. V), dos livros universais (cap. VI) e dos professores universais (cap. VII). A educação

há-de processar-se gradualmente, em conformidade com as diversas idades, nas seguintes escolas: da formação pré-natal (cap. VIII), da infância (cap. IX), da puerícia (cap. X), da adolescência (cap. XI), da juventude (cap. XII), da idade adulta (cap. XIII), da velhice (cap. XIV) e da morte (cap. XV). Termina com uma Conclusão sobre a validade deste seu programa e com uma invocação a Deus (cap. XVI).

5. A *Panglotia* ou *Cultura Universalis Linguarum* consta de dez capítulos. Começa por afirmar que se impõe destruir o obstáculo à compreensão universal entre os povos, resultante da confusão das línguas (cap. I), o que poderá conseguir-se por um tríplice caminho: ou pelo cultivo de todas as línguas, ou das principais, ou de uma só língua comum a todos (cap. II). Mostra que é fácil encontrar um remédio para a confusão das línguas (cap. III), descrevendo as várias soluções: a *Panglotia* ou cultivo de todas as línguas (cap. IV), a *Polyglottia* ou cultivo das línguas principais e a *Monoglottia* ou cultivo de uma só língua universal, de que demonstra a necessidade (cap. VI), a possibilidade (cap. VII) e a facilidade (cap. VIII). A realização simultânea destas três soluções constituiria, porém, um ideal mais perfeito (cap. IX). No décimo e último, capítulo, descreve o triunfo do seu esforço para acabar com a confusão das línguas, sendo esse capítulo seguido por uma espécie de apêndice com o título de “Primeira tentativa de elaboração de uma nova língua harmónica”.

6. A *Panorthosia* ou *Reformatio Universalis* pretende, nos seus vinte e sete capítulos, demonstrar a facilidade de uma eficiente reforma das coisas humanas, de modo que a unidade da família humana seja refeita na paz, no mútuo respeito das ideias, das crenças religiosas e dos regimes políticos. Começa por dizer o que se entende por reforma universal das coisas e que esta nunca foi universalmente tentada, mas que é de desejar (cap. I) e que há sempre esperança de uma reforma antes do fim do mundo (cap. II), a qual será obra de Cristo, mas exige a nossa colaboração (cap. III), importando que comece entre os cristãos (cap. IV), etc.

Para que a reforma seja possível, é necessário refazer tudo (cap. X): a Filosofia (cap. XI), a Política (cap. XII), a Religião (cap. XIII) e a Língua (cap. XIV), tornando-as verdadeiramente universais (*catholicas*): “*Optavimus Cap. Xpar. 20, omnes Philosophias fieri Philosophiam unam sub uno optimo Doctore Christo optimam; et omnes Religiones Religionem unam, sub uno optimo*

Pontifice Christo optimam; et omnes Politias Politiam unam, sub uno optimo Monarcha Christo optimam. Optandum vero insuper, si mundo plene bene esse volumus, omnes Linguas fieri posse Linguam unam, sub uno optimo Doctore Spiritu Sancto optimam” (Cap. XIV, p. 294, coluna 526). Para que esta Filosofia, esta Política, esta Religião e esta Língua universais sejam fomentadas e salvaguardadas, sugere a criação de três Tribunais Supremos (cap. XV): o *Collegium Lucis*, para tudo o que diz respeito à ciência, à escola e à língua nova (cap. XVI); o *Dicasterium Pacis*, para as questões jurídicas e políticas (cap. XVII) e o *Consistorium Oecumenicum*, para tudo o que diz respeito à religião (cap. XVIII). Diz, a seguir (cap. XIX), por onde deve começar esta reforma universal: por cada indivíduo (cap. XX), pelas famílias (cap. XXI), pelas escolas (cap. XXII), pelas Igrejas (cap. XXIII) e pelos Estados (cap. XXIV). Sugere, ainda, a criação de um *Concilium Oecumenicum* (cap. XXV), que seria como que um Secretariado permanente encarregado de supervisionar as reformas. Termina traçando a “imagem do mundo melhor” assim reformado (cap. XXVI) e dirigindo um hino a Deus (cap. XXVII).

7. A *Pannuthesia* ou *Exhortatorium Universale* é um apelo final para que se ponha em prática a “*emendatio rerum humanarum universalis*” que mostrara ser desejável na *Panegersia*, possível na *Panaugia*, na *Pansophia*, na *Pampaedia* e na *Panglottia* e fácil na *Panorthosia*.

Segundo o quadro sinóptico que a antecede, a *Pannuthesia* deveria constar de dezasseis capítulos, mas só treze chegaram até nós. Começa por chamar a atenção para as circunstâncias favoráveis e para a necessidade de pôr em prática o seu plano de reforma (cap. I), responde às dificuldades e obstáculos que se opõem à sua execução (cap. II) e volta a exortar todos os homens para que tomem em consideração as suas propostas (cap. III), começando por exortar-se a si mesmo (cap. IV), para depois exortar os cristãos em geral (cap. V) e, entre estes, sobretudo os que são eruditos, religiosos e poderosos, os quais exorta, primeiro em conjunto (cap. VI) e, depois, cada grupo em particular: os eruditos (cap. VII), os religiosos (cap. VIII) e os poderosos (cap. IX). Dirige-se depois àqueles que poderiam considerar-se os adversários da reforma: os desdenhadores, os sofistas, os blasfemadores e os tiranos (cap. X), para, logo a seguir, dirigir um apelo veemente aos “*ingenia heroica*” (cap. XI) e especialmente aos europeus, sobretudo a três nações setentrionais (Polónia, Suécia e Grã-Bretanha), terminando com uma exortação ao *Oecumenicum Concilium* (cap. XIII).

Como vimos atrás, as *coisas humanas* que Comênio pretende reformar resumem-se em três palavras: a *eruditio*, a *politia* e a *religio*.

Em primeiro lugar, a *erudito*, pois é fundamentalmente através da educação que ele quer transformar o estado das coisas humanas. A reforma da *politia* e da *religio* seria impensável sem a reforma da *eruditio*. Na base da *emendatio rerum humanarum* está, pois, a educação universal (Pan-Paideia), pelo que a parte central da *Consultatio* é a *Pampaedia*, definida assim: “*Pampaedia est totius Humanae Gentis Cultura universalis. Graecis enim παιδεία Institutionem et Disciplinam, qua Homines erudiuntur; πᾶν autem Universalitatem sonat. Hoc igitur quaeritur ut πάντες, πάντα, πάντως (Omnes, Omnia, Omnino) doceantur*”³.

Um pouco adiante, na mesma página, explica o que deve entender-se por *omnes* (todos), *omnia* (todas as coisas) e *omnino* (totalmente):

“Este desejo ou aspiração [de uma educação universal] resume-se nas três coisas seguintes: em primeiro lugar, o que se deseja é que assim se consiga educar plenamente para a plenitude humana, não apenas um só homem, ou alguns, ou muitos, mas todos (*omnes*) e cada um dos homens, jovens e velhos, ricos e pobres, nobres e plebeus, homens e mulheres, numa palavra, todo aquele que nasceu homem, para que, enfim, todo o género humano venha a ser educado, seja qual for a sua idade, o seu estado, o seu sexo e a sua nacionalidade.” (cap. I, § 6).

“Em segundo lugar, deseja-se que cada homem seja rectamente formado e integralmente educado, não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana: a conhecer a verdade e a não se deixar iludir pelo erro; a amar o bem e a não se deixar seduzir pelo mal; a fazer o que deve fazer e a preservar-se do que deve evitar; a falar sabiamente acerca de todas as coisas, com todos, quando é necessário e a nunca se ver obrigado a calar-se; enfim, a agir, em todas as circunstâncias, com as coisas, com os homens e com Deus, não levemente, mas prudentemente e, assim, a nunca se afastar do objectivo da sua felicidade” (I,7)

“E que isso seja feito universalmente (*omnino*). Não para pompa e brilho exterior, mas para a verdade. Ou seja, para tornar todos os homens o mais possível semelhantes à imagem de Deus (segundo a qual foram criados), isto é,

³ “A *Pampaedia* é a educação universal de todo o género humano. Entre os gregos, com efeito, *παιδεία* significa a instrução e a educação em que os homens são formados; e *πᾶν* significa universal. Pretende-se, portanto, que *todos* sejam educados em *todas as coisas* e *totalmente*.”

verdadeiramente racionais e sábios, verdadeiramente activos e ágeis, verdadeiramente íntegros e honestos, verdadeiramente piedosos e santos e, desse modo, verdadeiramente felizes e bem-aventurados, neste mundo e por toda a eternidade” (I,8)

O Capítulo I prossegue com novas explicitações de *omnes*, *omnia* e *omnino*, seguidas desta afirmação: “Efectivamente, se todos (*omnes*) fossem doutos em tudo isto (*omne hoc*), tornariam todos universalmente (*omnino*) sábios; e o mundo ficaria cheio de ordem, de luz e de paz” (I,14).

Feitas estas explicitações, termina o capítulo com uma definição mais precisa de *Pampaedia*: “é o caminho aplanado através do qual a luz pansófica se difunde pelas mentes, pelas palavras e pelas acções dos homens. Ou ainda, é a arte de transplantar a sabedoria nas mentes, nas línguas, nos corações e nas mãos de todos os homens” (I,15).

Como que receoso de não ter convencido o leitor do seu ambicioso projecto, Coménio, nos três capítulos seguintes, insiste nas mesmas ideias. Assim, o capítulo II é inteiramente consagrado a demonstrar que é necessário, possível e fácil educar todos (*omnes*) os homens para a plenitude do seu ser de homens (*ad humanitatem*); o capítulo III explica o que significa que o homem deve ser educado em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana e porque é que isso é necessário, possível e fácil; finalmente, o capítulo IV explica o que significa instruir universalmente (*omnino*) todos os homens, em todas as coisas e para quê e como isso é possível e fácil.

Quase no fim, o capítulo IV introduz-nos nos meios necessários para a realização deste projecto pampédico: as escolas, os livros e os professores universais. “Dos três capítulos precedentes nascem três consequências. Com efeito, porque devem ser educados: I. todos (*omnes*) os homens, haverá, portanto, necessidade de escolas universais, como oficinas de cultura, para educar a todos. Para isso, servir-nos-emos do termo *Panscolia*; II. em todas as coisas (*omnibus*), serão necessários, portanto, instrumentos universais de cultura, quero dizer livros que contenham todas as coisas. Utilizaremos, para isso, a expressão *Pambiblia*; III. totalmente (*omnino*), serão necessários, portanto, professores universais que saibam inculcar, em todos, todas as coisas, totalmente (*omnibus omnia omnimode*). Para isso, servir-nos-emos da designação *Pandidascália*” (IV, 19). O parágrafo agora citado é como que uma introdução, não apenas aos três capítulos seguintes, mas a todo o resto da *Pampaedia*, uma vez que os capítulos VIII a XV são uma explicitação do capítulo V.

O Capítulo V trata da *Panscolia*, “isto é, do estabelecimento de escolas em todos os lugares e da necessidade, possibilidade e facilidade de o fazer”. E não apenas em todos os lugares, mas também - o que não é menos importante - para todas as idades: “Do mesmo modo que o mundo inteiro é uma escola (*totus mundus schola est*) para todo o género humano, desde o começo até ao fim dos tempos, assim também, para cada homem, cada idade da sua vida é uma escola (*homini cuique tota sua aetas schola est*), desde o berço até ao túmulo” (V,1). Com efeito, “cada idade é destinada a aprender e os mesmos limites são impostos aos homens para viver e para estudar” (V,1). Na verdade, nenhuma impossibilidade, nem nenhuma dificuldade poderá obstar a que todos, em todos os povos, aprendam todas as coisas, se forem respeitados os limites e observadas as leis da ordem posta divinamente nas coisas. Com efeito, o sábio Criador distinguiu o ser criado à sua imagem, (a quem pôde dar a semelhança do infinito, embora lhe não pudesse dar a própria infinitude), tanto em partes - intelecto, mente, língua, mãos, etc. -, como em graus (a que chamamos idades): infância, puerícia, adolescência, juventude, idade adulta e velhice” (V,4). “Será, portanto, muito fácil fazer com que a vida inteira seja uma escola (*tota vita fiat schola*). Basta simplesmente dar a fazer a cada idade apenas aquilo para que ela é apta e, imediatamente, durante toda a vida, o homem terá qualquer coisa que aprender e qualquer coisa que fazer e qualquer coisa para progredir e de onde colher os frutos da vida” (V, 5).

“Ora, assim como todas as épocas da vida humana (que são dadas para a formação do corpo, do espírito e da alma) se dividem em sete idades, das quais a primeira compreende a concepção e a gestação no útero materno; a segunda, o nascimento e, conseqüente a este, a infância; a terceira, a puerícia; a quarta, a adolescência; a quinta, a juventude; a sexta, a idade adulta; a sétima, a velhice, à qual se segue a morte, assim também será comodíssimo instituir sete escolas para aperfeiçoar gradualmente o homem” (V,6). Essas sete escolas são: 1. a escola da formação pré-natal; 2. a escola da infância; 3. a escola da puerícia; 4. a escola da adolescência; 5. a escola da juventude; 6. a escola da idade adulta; 7. a escola da velhice (*loc.cit.*). No capítulo XVI, acrescentará uma oitava escola: a escola da morte.

Nota-se aqui uma evolução relativamente à *Didactia Magna*. Enquanto esta limitava o período da educação à idade escolar (até aos 24 anos), a *Pampaedia* preconiza uma educação permanente, pois *tota vita schola est*. Compreende-se esta evolução, pois, na *Didactia Magna*, Comênio pretende

apenas reformar a educação, ao passo que, na *Pampaedia*, pretende, através da educação, reformar toda a sociedade humana.

O resto do capítulo V é dedicado às escolas públicas que Comênio define assim: “Chamo escolas públicas as assembleias onde os jovens de toda a aldeia, cidade ou província, sob a direcção de homens (ou de mulheres) honestíssimos, são exercitados colectivamente nas letras e nas artes, nos costumes honestos e na verdadeira piedade, para se conseguirem que, por toda a parte, haja grande abundância de homens bem instruídos” (V,9).

Ao Capítulo VI, que também “poderia intitular-se *Panorgania*, na medida em que trata dos instrumentos que servem para polir os espíritos e aqui se ensinará a utilizá-los” (VI,1), dá o título de *Pambiblia* : “uma inteira provisão de livros destinados à cultura universal e elaborados segundo as leis de um método universal” (VI,2). “Estes três livros da sabedoria divina são a verdadeira e completa biblioteca, a norma completíssima de todas aquelas coisas que, neste mundo e para a eternidade, o homem tem necessidade de saber e de crer, de fazer e de esperar, mas só aqueles que chegaram já à perfeita sabedoria. Aqueles que estão ainda a caminho têm necessidade de alguns pequenos livros de informação e de introdução a essa completa biblioteca de Deus. Tratamos agora do modo de os preparar convenientemente. O seu primeiro requisito é que eles correspondam ao seu verdadeiro fim, a verdadeira educação humana, de modo imediato, completo e claro” (VI,3).

Mais adiante, resume os critérios a que devem obedecer os livros: “Em suma, todo o livro do nosso tempo (sobretudo o escolar) deverá ser inteiramente pansófico, inteiramente pampédico, inteiramente panglótico, inteiramente panortótico. *Pansófico*: que oferece a medula de toda a sabedoria plena, cada um segundo o seu grau, mais concisamente ou mais difusamente. *Pampédico*: servindo todos os espíritos em tudo e também cada um segundo o seu grau. *Panglótico*: traduzível em todas as línguas dos povos, dada a facilidade do seu estilo simples. *Panortótico*: que serve eficazmente para prevenir ou para corrigir as corruptelas das coisas, também cada um segundo o seu lugar e o seu modo” (VI,16). “Mas como realizar isso? Respondo: escrevendo livros destinados à reforma do mundo, isto é, a *Pansophia*, a *Pampaedia*, a *Panglottia*, a *Panorthosia* e ainda separando, nos livros pansóficos, o verdadeiro do falso, nos pampédicos, o vantajoso do inútil; nos panglóticos, o claro do obscuro; a fim de que o que é valioso permaneça por toda a parte e o que é defeituoso seja eliminado por toda a parte” (VI,17).

Seguem-se doze leis particulares que devem ser observadas, quer pelos Colégios da Luz, quer por aqueles que escreverem livros e de que oferecemos aqui apenas o enunciado: 1. “Num século iluminado, deve pensar-se, não em multiplicar os livros, mas em abolir os livros nocivos, em desautorizar os inúteis e em sintetizar os bons”; 2. “Se, contudo, alguém quiser escrever, que isso lhe seja permitido, com esta condição: que escreva e não copie”; 3. “Quem escreve, escreva um livro e não uma manta de retalhos”; 4. “Publiquem-se apenas descobertas novas e úteis, ou então observações verdadeiramente novas e úteis acerca de coisas já antes conhecidas; 5. “Quem quer que tenha a comunicar ao mundo qualquer nova descoberta ou algumas observações pertinentes acerca de precedentes descobertas, faça-o sem lhes misturar o que já se sabe;” 6. “Nada seja publicado, a não ser aquilo que aumente a luz e as comodidades dos homens”; 7. “Portanto, nada se escreva e nada se edite, a não ser que seja fruto de verdade experimentada e de utilidade certa”; 8. “Que os novos livros sejam escritos com um método não diverso do da matemática: nada disputando, mas tudo demonstrando”; 9. “Não se permita a ninguém, portanto, que, por causa da precipitação, faça de um livro um aborto, mas habituem-se todos a formar e a reformar e, limando-os, a plasmar e a refundir todos os seus escritos, até que, quando editado, cada livro corresponda perfeitamente ao Cânon de Policleto”; 10. “Não se publique nenhum livro volumoso sem índice”; 11. “Os livros novos, sejam eles quais forem, nada mais sejam que chaves e introduções aos Livros de Deus: a natureza, a Sagrada Escritura e a oficina do próprio raciocínio”; 12. “Não se publique nenhum livro de ninguém, sem se ter dado conhecimento e sem se ter consultado os Colégios da Luz” (VI,18).

“Para multiplicar a luz, os Colégios da Luz farão preparar, antes de tudo, livros de carácter universal: uma *Pancosmographia*, uma *Pancronologia*, uma *Panhistoria*, uma *Pandogmatia*, uma *Pansophia*” (VI,20) e outros livros, de cujas características e conteúdo fala nos parágrafos seguintes.

O sétimo capítulo, intitulado *Pandidascália*, trata “dos cultores universais dos engenhos, dos professores pampédicos, capazes de ensinar, a todos, todas as coisas, universalmente (*omnes, omnia, omnino*); de como é grande a sua necessidade e quais os seus requisitos”.

Os livros pampédicos de pouco serviriam sem a direcção de pandidáscalos (VII;1), entendendo-se por pandidáscalo “um professor pampédico que sabe formar todos (*omnes*) os homens em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana, para tornar os homens totalmente (*omnino*)

perfeitos” (VII,2), para o que deverá possuir “os seguintes três requisitos: 1. que cada um seja tal como deve tornar os outros; 2. que conheça os métodos de tornar os outros tais como eles devem ser; 3. finalmente, que, no seu trabalho, seja cheio de zelo. Numa palavra, que possa, saiba e queira formar pansofos” (VII,3). “Devem, portanto, os formadores dos homens ser os mais selectos dos homens, piedosos, honestos, graves, diligentes, trabalhadores, prudentes; precisamente tais como desejamos que se torne todo o povo dos últimos tempos: iluminado, pacífico, religioso e santo” (VII,4). “Para que saibam tornar os homens assim, devem conhecer: 1. todos os fins da sua profissão; 2. todos os meios que lá conduzem; 3. toda a variedade do método” (VII,5). “O pandidáscalo, pois, para que seja verdadeiramente o que se diz que é, deve estabelecer um tríplice objectivo à sua *Didáctica*: I. *Universalidade*, para que todos possam ser ensinados em todas as coisas; II. *Simplicidade*, para que, com meios seguros, cheguem à certeza; III. *Espontaneidade*, para que façam tudo suavemente e agradavelmente, como se fosse um jogo; de modo que todo o processo da educação possa chamar-se uma escola-jogo (*schola ludus*). Ou, para que exprima tudo em poucas palavras, mais precisamente, em três palavras: ensinar a todos todas as coisas totalmente (*omnes, omnia, omnimode*).”

Depois de, uma vez mais, explicar o significado de *omnes, omnia e omnino*, oferece-nos, sob a forma de vinte e quatro Problemas (ou melhor, vinte e cinco, pois, a seguir ao número 17, vem um Problema que não está numerado), num autêntico compêndio de metodologia didáctica, os meios e os métodos através dos quais o *pandidáscalo* poderá ensinar a todos todas as coisas totalmente. Embora a riqueza do conteúdo destes Problemas só possa ser apreendida com uma leitura integral da exposição que se segue a cada um deles, vamos apresentar o seu enunciado: 1. “Para que todo o homem possa conhecer toda a sabedoria de Deus”; 2. “Refinar a gosto de todo o homem encaminhado para a conquista do saber”; 3. “Que cada um aprenda a fazer todas as coisas”; 4. “Conhecer todas as coisas verdadeiras, escolher todas as coisas boas, fazer todas as coisas necessárias”; 5. “Fazer com que cada um percorra facilmente todos os livros de Deus;” 6. “Ensinar totalmente”; 7. “Fazer com que cada homem saiba, queira e possa verdadeiramente tudo o que verdadeiramente deve saber, querer e poder”; 8. “Conduzir o homem, por via segura, das trevas da extrema ignorância para a luz do mais claro conhecimento”; 9. “Conduzir os homens, por via segura, a todos os bens”; 10. “Habituar os homens a realizar obras sem defeitos”; 11. “Fazer com que aquele que é formado seja formado solidamente, de modo a

não mais recair nem degenerar”; 12. “Fazer com que assimile bem o que se aprende”; 13. “Fazer com que aquilo que uma vez foi aprendido nunca mais seja esquecido”; 14. “Ensinar todas as coisas com segurança”; 15. “Ensinar todas as coisas com método fácil”; 16. “Fazer com que os homens aprendam todas as coisas com prazer”; 17. “Ensinar de tal maneira que tudo o que for ensinado não possa não ser entendido”; 17a. “Dar aos homens uma vasta cultura”; 18. “Fazer com que tudo decorra espontaneamente”; 19. “Transformar em lugares de divertimento (*ludi*) os campos de trabalhos forçados que são hoje as escolas”; 20. “Fazer com que a disciplina não afaste os alunos de aprender”; 21. “Fazer com que os sentidos, a mente e a mão do aluno aprendam rapidamente todas as coisas”; 22. “Aprender rapidamente todas as coisas”; 23. “Fazer com que os livros didáticos sejam úteis aos alunos”; 24. “Ensinar todas as coisas com ordem e gradualmente”.

Os capítulos VIII-XV, onde descreve as oito escolas em que cada indivíduo deve ser formado ao longo da vida, são uma explicitação do capítulo V (*Panscolia*), onde mostra a necessidade da criação de escolas em todos os lugares e para todas as idades, desde o berço até à tumba.

O capítulo VIII, “*Schola Geniturae*” (Escola da formação pré-natal), é constituído por um conjunto de conselhos e sugestões dados aos futuros pais, sobretudo à mãe. Compreende três classes: “Esta escola terá, portanto, como que três classes: I. Na primeira dessas classes, ter-se-á cuidado com a futura prole à distância, preparando-se para contrair matrimónio com prudência, com honestidade e com piedade; II. A segunda classe começa com a realização do matrimónio e quando a esperança da prole está já mais próxima; III. A terceira classe ocupa-se da prole já concebida, até ao nascimento” (VIII,8).

O capítulo IX - *Schola Infantiae* - ocupa-se da educação da criança desde o nascimento até aos seis anos. Depois de definir *criança* como ser inculto (*rudis*) que deve ser educado (*erudiendus*), demonstra (pelas *Sagradas Escrituras*, por ideias ou razões e por modelos e exemplos) a necessidade da educação desde a infância, o que faz ao longo de várias páginas, insistindo em que essa educação incumbe aos pais. Fala do objectivo da primeira educação, dos meios que conduzem a esse objectivo e dos métodos que devem ser utilizados, para, a seguir, dizer que “serão seis as classes desta Escola Infantil: I. A classe puerperal, até à idade de um mês e meio; II. A classe do aleitamento, até à idade de um ano e meio; III. A classe do balbuceio e dos primeiros passos; IV. A classe da linguagem e da percepção sensível; V. A classe dos bons cos-

tumes e da piedade; VI. A primeira escola colectiva, ou seja, a classe das primeiras letras”. Na primeira classe, as crianças “devem ser ofertadas a Deus”, nomeadamente por meio do baptismo. Na segunda classe, aconselha que “as mães aleitem os seus próprios filhos; as mais nobres confiem-nos a uma ama sã, honesta e piedosa, para que sejam embebidos com as sementes da piedade e da honestidade”. Na terceira classe, “devemos também ensinar às crianças as palavras com a ajuda das coisas”, além de que “devem ser exercitadas também na agilidade do corpo e do espírito; devem ser exercitadas nos movimentos, nas fadigas e no frio...”, a exemplo dos persas e dos espartanos; devem ser iniciadas à auto-actividade (*autopraxia*) que “é o grande segredo e a chave de toda a actividade”, procurando ainda “fazer-se tudo para que os seus jogos sejam um prelúdio de trabalhos sérios”.

Uma vez que “nada está na inteligência que primeiro não tenha estado nos sentidos”, importa que, na quarta classe, as crianças tenham “os sentidos voltados para as coisas”.

Quinta classe: “Embora não saibam ainda falar, é tempo de formar os bons costumes logo que as crianças começam a desejar, a recusar ou a temer qualquer coisa”, sendo “três os processos de ensinar os bons costumes às crianças: os exemplos, a instrução e a disciplina”.

A sexta classe “é, em certo sentido, uma escola semi-pública, onde as crianças se habituem a conviver, a brincar, a cantar, a contar, a cultivar os bons costumes e a piedade e a exercitar os sentidos e a memória (antes de começarem a aprender a ler e a escrever), sob a direcção de Senhoras honestas, em casa das quais se juntam as criancinhas das redondezas (entre os 4 e os 6 anos, mais ou menos), a expensas daqueles que querem que os seus filhos sejam formados suavemente e preparados para a escola pública”.

Dado que “nenhum trabalho é tão fatigante para as crianças como o de aprender os primeiros elementos”, propõe vários métodos para aprender a ler e a escrever, os quais resume nestas palavras: “transformar aquele trabalho duro num jogo”.

O capítulo X é dedicado à *Escola da Puerícia*, que se ocupa da educação da criança dos 6 aos 12 anos. Nesta escola, “deverão ensinar-se todas as coisas que depois se deverão aprender na Escola da Adolescência, embora de forma mais breve, mais popular e na língua materna”. Depois de expor, em dez pontos, o seu pensamento sobre a educação desta idade, afirma que ela “necessita, de modo especial, de professores dedicados e engenhosos”, pelo que “o professor

da escola primária deve ser mais sabedor que os outros e ser remunerado com um salário maior em relação aos outros”.

“O objectivo e o fim desta escola será fazer adquirir agilidade ao corpo, aos sentidos e ao espírito”. Atribui particular importância ao estudo das matemáticas, as quais “estimulam e aguçam o espírito para todas as outras coisas, de um modo verdadeiramente único”.

Esta escola terá “seis classes, cada uma com o seu programa, compreendido num livrinho. Essas classes e esses livros serão: I. Estreia das letras (*Tirocinium literarium*); II. O mundo em imagens (*Orbis Sensalium; Lucidarium*); III Ética das crianças, inferida das coisas sensíveis e da análise da natureza humana; IV. Um Compêncio das Histórias Bíblicas; V. Uma Síntese das doutrinas essenciais da Bíblia, que apresente, da maneira mais simples, o conjunto das coisas em que se deve acreditar e que se devem esperar e fazer; VI. Uma colecção de adivinhas (enigmas) para crianças (*Sphinx puerilis*)”.

“Os livros destinados a esta Escola devem ser elaborados, todos e cada um deles, de modo que: 1. preparem o caminho àqueles que, mais tarde, hão-de ingressar na Escola de Latim e preparem para a vida aqueles que dela passarem para qualquer profissão; 2. quer alguém frequente todas as classes desta Escola da Língua Materna, quer frequente apenas algumas, que dela tire um fruto proporcionado à classe que frequentou, uma vez que já sabe ler (desde a primeira classe); 3. mesmo aquele que não frequenta a escola pública possa, todavia, em particular, aprender de alguém as primeiras letras e, depois, pelo seu próprio esforço, penetrar nas outras disciplinas”.

“Isto acontecerá se os livros, todos e cada um deles, forem: 1. *Universais*, isto é, contendo toda a matéria; 2. *Metódicos*, isto é, se fazem avançar a inteligência espontaneamente, de grau em grau; 3. *Ornados com figuras*, inseridas no texto e com outras coisas atraentes e agradáveis; 4. Que estes livros tenham nomes tirados da jardinagem, como *Plantarium* (canteiro), *Seminarium* (viveiro), *Violarium* (campo de violetas), *Rosarium* (roseiral), *Viridarium* (vergel) e *Paradisus* (jardim) e que no frontispício de cada exemplar seja estampada a imagem ou o desenho das raízes, do sementeiro, da violeta, das rosas, do vergel ou do jardim e que os títulos correspondam à matéria contida nos livros, de modo que: 1. o *Plantarium* contenha o alfabeto, o silabário, o vocabulário, os números e pequenas preces; 2. o *Seminarium* contenha um resumo de todas as coisas (isto é, de toda a Pansofia); 3. o *Violarium*, um resumo mais amplo e mais rico; 4. o *Rosarium*, a análise do mundo da natureza (juntamente com a

prática); 5. o *Viridarium*, a análise do espírito, isto é, das coisas artificiais e morais; 6. o *Paradisus*, a análise das Sagradas Escrituras e o resumo das suas doutrinas e práticas: Fé, Esperança e Caridade.

A razão destes requisitos é a seguinte: 1. Para que deste modo, as crianças sejam mais facilmente cativadas e aliciadas pelos títulos; 2. Para que melhor se entenda a sua graduação e cada um veja claramente qual o programa que o espera”.

“O método a seguir deve ser agradável, de modo que todas as coisas se façam como num jogo, mediante uma constante: 1. autopsia (ver por si); 2. autolexia (dizer por si); 3. autopraxia (fazer por si); 4. autocrestia (utilizar por si), de modo que seja permitido às próprias crianças: 1. ver, ouvir e tocar em tudo; 2. pronunciar, ler e escrever tudo; 3. desenhar e fazer tudo; 4. utilizar todas as coisas segundo a maneira que lhes for mais útil”.

Segue-se a descrição pormenorizada de cada uma das seis classes.

O capítulo XI é consagrado à *Escola da Adolescência* ou *Escola de Latim*, cujo objectivo “será ordenar em formas seguras a selva das noções recolhidas pelos sentidos para uma utilização mais plena e mais clara do raciocínio”. “O método, sempre prático, constará de diálogos, disputas, realizações cénicas e epístolas”.

Como a *Didactia Magna* (cap. XXX), também a *Pampaedia* distribui esta Escola em seis classes: I. Gramática; II. Física; III. Matemática; IV. Ética; V. Dialéctica; VI. Retórica, a que pertencem os vários exercícios de estilo e de história e o Colégio Geliano”.

“Nesta escola, devem estudar-se sobretudo três coisas: 1. as línguas; 2. as artes; 3. os bons costumes”. Coménio insiste sobretudo no terceiro destes pontos, pois “é neste momento que se deve exercitar a arte de extirpar os vícios e de radicar as virtudes.” Sugere também que os alunos comecem a fazer “diários”.

O capítulo XII - *Schola Juventutis* - é consagrado à *Academia* ou *Universidade*. “O método é o mesmo da Escola da Adolescência, mas em vez das disputas (*disputationes*), haverá as investigações (*disquisitiones*) e as demonstrações pansóficas (tais que não possam ser contraditadas) e ainda a diacrítica. De igual modo, far-se-ão experiências e ensaios sobre o modo de administrar a família, a escola e o Estado”.

Esta escola compreende três partes ou aspectos distintos: a *Academia* propriamente dita; a *Apodemia* ou as viagens (a que dedica algumas conside-

rações, seguidas da *Polytropia* ou felicidade de conviver com muitas pessoas) e a escolha da profissão (que é como que uma introdução ao capítulo seguinte).

A Academia propriamente dita terá três classes: I. a Pansófica; II. a Pambíblia; III. a Panetoimica ou Panepistemónica. Em relação com estas classes, merecem especial referência os exercícios “pambíblicos”, que preparariam para a utilização das bibliotecas e os exercícios “panetoimicos”, que seriam provas preliminares em ordem à preparação do exame final para a colacção do grau académico.

O capítulo XIII é dedicado à *Escola da Idade Adulta* (“*Schola Virilitatis*” ou “*Praxis Vitae*”). “Toda a vida é uma escola (*Tota Vita schola est*), como vimos nos capítulos precedentes. Portanto, deve ser também uma escola a parte central da vida, que se desenvolve no pleno vigor das forças e até de modo muito especial esta parte da vida deve ser uma escola, uma vez que as idades precedentes e as suas correspondentes escolas (escola de infância, escola de puerícia, etc.) eram apenas degraus para chegar a esta, onde não progredir seria regredir, sobretudo porque restam ainda muitas coisas para aprender. E, nesta idade e nesta escola, já não deve aprender-se mediante meros prelúdios, mas mediante acções sérias” (XIII,1).

Esta Escola comporta três classes ou graus: I. a dos que entram na vida adulta e começam a sua actividade na vida; II. a dos que continuam essa actividade; III. a dos que estão a chegar ao termo dessa actividade (XIII, 9).

A seguir, como que divide o capítulo em duas partes. Na primeira dessas partes, apresenta quinze reflexões (*meditationes*) que dizem respeito a todas as classes desta escola: I. a vida é uma escola; II. a vida como profissão; III. a vida como trabalho; IV. a vida como caminho; V. o objectivo da vida é a quietude da velhice e, depois, a quietude da eternidade; VI. a vida é trabalho, actividade incessante; VII. a vida é insidiosa; VIII. a vida é uma luta; IX. a vida é um jogo da sorte; X. a vida como drama; XI. a vida é o teatro da fama; XII. a vida é como um rio ou como o vento; XIII. a vida é indigência, necessidade contínua de qualquer coisa; XIV. a vida é cheia de seduções; XV. a vida terrena é incerta e caduca.

Na segunda parte do capítulo, fala de cada uma das classes em particular, merecendo especial referência o que, ao falar da primeira classe, escreve acerca da escolha e do exercício da profissão.

O capítulo XIV, dedicado à velhice - “*Schola Senii*” “*sive Fruitio Vitae*” -, é um dos mais bem elaborados. Ao falar do objectivo desta escola, escreve:

“na escola da velhice, deve ensinar-se aos velhos e estes devem aprender, qual o modo como possam, saibam e queiram: I. Fruir rectamente da vida já vivida; II. Continuar a agir rectamente durante o resto da vida; III. Rematar rectamente toda a vida mortal e entrar alegremente na vida eterna” (XIV,9).

“Por isso, esta escola deve ter três classes: I. A classe daqueles que transpõem os umbrais da velhice e examinam as suas tarefas (as já realizadas e as a realizar ainda); II. A classe daqueles que entram na velhice madura e se apressam a fazer o que falta ainda fazer; III. A classe dos decrépitos que nada mais fazem senão esperar a morte” (XIV, 10). Mais adiante, insiste nesta divisão, considerando três graus de velhice - a robusta (“*viridis*”), a avançada (“*gravis*”) e a decrépita (“*decrepita*”) -, durante os quais são diferentes as coisas a fazer e os modos de as fazer” (XIV,19).

O capítulo XV - “*Schola Mortis*” - é o mais curto e o mais incompleto. Dá mesmo a impressão de que foi escrito apenas para que houvesse uma “oitava” escola, de modo que aos oito “mundos” estudados da *Pansophia* corresponderdessem, na *Pampaedia*, oito escolas. Aliás, no quadro sinóptico com que abre *Pampaedia* e no cap. V, Coménio fala apenas de sete escolas. É talvez por isso que a *Escola da Morte* quase se limita a remeter o leitor para os livros que tratam da “*ars bene beateque moriendi*”, como a obra de Nathan Chytraeus, *Viático da última viagem*.

No último capítulo, que é uma Conclusão da *Pampaedia*, com uma invocação à Sabedoria eterna, Coménio faz um balanço muito optimista da sua exposição e dos magníficos resultados que poderão alcançar-se com o seu método, chegando mesmo a afirmar que é tal a sua excelência que, com ele, poderá conseguir-se até - em sentido figurado, claro! - “a quadratura do círculo”...

Eis um breve resumo da *Consultatio Catholica* que é, porventura, a obra mais importante para a compreensão de Coménio como filósofo, como teólogo, como linguísta, como pedagogo e como reformador social. Nela se espelha a sua personalidade multiforme e polivalente, o seu espírito universalista e ecuménico, manifestado, ao longo de toda a obra, de múltiplas maneiras, mas sobretudo pelo emprego constante e insistente da tríade “*omnes, omnia, omnino*” e do prefixo $\pi\alpha\nu$ que aparece, não apenas no título de cada uma das sete partes, mas é usado também, e com muita frequência, no interior da exposição de cada uma delas.

Demorámo-nos, com mais pormenor, na explicitação do conteúdo da *Pampaedia*, pois ela é, sem esquecer a *Didactia Magna*, a mais importante obra

pedagógica de Comênio. Preconizando a educação de *todos* e ao longo de *toda a vida* (“*tota vita schola est*”), a *Pampaedia*, embora escrita no século XVII, pode ser considerada, ainda hoje, a Carta Magna da democratização do ensino e da educação permanente.